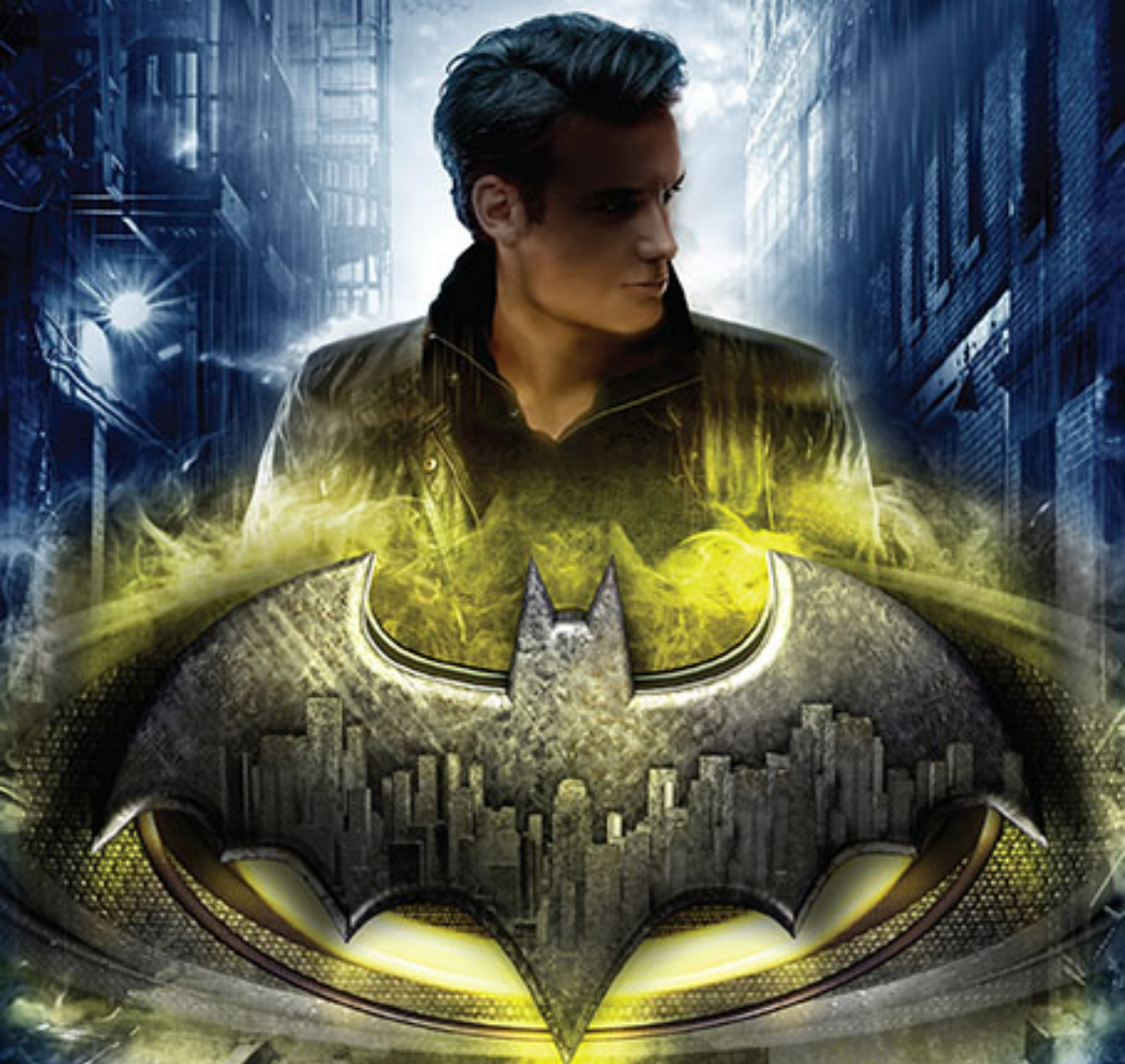


MARIE LU



BATMANTM

CRIATURAS DA NOITE



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

Para Dianne –

Bruce Wayne seria sortudo se tivesse você como amiga.



PRÓLOGO

O sangue sob as unhas a incomodava.

Luvas baratas e inúteis, pensou a garota, contrariada.

Ela até se precavera e tinha colocado duas luvas em cada mão, mas um golpe de faca talhara as duas camadas. *Idiota*. Em qualquer outra noite, teria parado e, de maneira metódica, removido aquele sangue debaixo das unhas. Mas não havia tempo.

Sem tempo, sem tempo.

O luar invadia o piso da mansão, iluminando parte do corpo nu do homem. Ele sangrava de um jeito estranho, diferente das outras vítimas. O sangue formava um círculo perfeito sob o corpo, feito uma poça de calda cristalizada.

Ela suspirou, enfiou a lata de spray de tinta vermelha na mochila e recolheu alguns dos trapos espalhados pelo chão. Na parede a seu lado estava o símbolo que ela acabara de desenhar às pressas.

Tudo dera errado naquela noite, desde as inesperadas complicações do sistema de segurança de sir Grant à surpresa do homem ao dar de cara com eles. Eles tinham se atrasado. Ela odiava se atrasar.

Ela circulou pelo quarto, recolhendo suas ferramentas e enfiando tudo na mochila. O luar iluminava suas feições à medida

que ela percorria a fileira de janelas. Sua mãe costumava dizer que, desde criança, ela tinha cara de boneca: olhos grandes, escuros e cristalinos, cílios compridíssimos, nariz fino, lábios rosados e pele de porcelana. As sobrancelhas retas lhe conferiam uma expressão de constante vulnerabilidade.

Essa era a questão. Só viam o que importava nela quando já era tarde demais. Até suas unhas ficarem manchadas de sangue.

Por conta da pressa, seu cabelo havia se despenteado e agora cascadeava sobre os ombros. Ela o prendeu num coque. Um ou outro fio tinha caído e agora jazia em algum ponto do chão, deixando pistas para a polícia. Mas na verdade não seria um problema, desde que ela conseguisse escapar a tempo.

Vou matar todos eles, pensou, com amargura. *Me largaram aqui limpando essa bagunça...*

Em algum momento no meio da noite irrompeu o som estridente de sirenes.

Ela virou a cabeça na direção do som. Por instinto, levou a mão até uma das facas presas à cintura. Então começou a correr. Suas botas eram silenciosas; ela se movia feito uma sombra. O único barulho que emitia era o da pancada fraca da mochila nas costas. Enquanto avançava, ergueu o cachecol preto até a metade do rosto, cobrindo nariz e boca, e colocou o visor escuro. Através dele, a mansão se transformava numa grade de linhas verdes e sinais térmicos.

As sirenes se aproximavam rapidamente.

Ela parou outra vez para tomar fôlego e escutar. O som vinha de diferentes direções... Ela seria encurralada. *Sem tempo, sem tempo*. Disparou escadaria abaixo, a silhueta mesclada às sombras da mansão, então virou bruscamente numa curva no fim da descida e rumou não para a porta da frente, mas para o porão. O sistema de segurança havia sido reprogramado para trancar a porta, mas o porão era sua rota de fuga, com todos os alarmes desativados e as travas das janelas preparadas para responder aos comandos.

Assim que ela alcançou o local, as sirenes do lado de fora ficaram ensurdecedoras. A polícia havia chegado.

– Abrir janela A – sussurrou ela no bocal.

A janela reprogramada se destrancou com um clique suave e obediente. A polícia estaria reunida diante das portas frontais e traseiras. Sem ter conhecimento da pequenina janela no nível do solo, não pensaria em conferir a lateral de uma casa tão imensa.

Ela correu mais rápido. Ao alcançar a janela, começou a se içar para cima e para fora, serpenteando pela saída numa fração de segundo. No gramado da frente ouviu um policial gritando num megafone, viu os sinais térmicos de pelo menos uma dúzia de guardas em pesados coletes à prova de balas, os rostos cobertos por capacetes, os fuzis de assalto apontados para a porta.

Ela deu um salto na escuridão, pôs-se de pé, ergueu o visor e se preparou para disparar. Mas uma luz ofuscante a envolveu.

– *Mãos ao alto!* – gritaram várias vozes ao mesmo tempo.

Ela ouviu os cliques de armas sendo destravadas e o latido furioso dos cães policiais contidos por seus parceiros.

– *De joelhos! Agora!*

Ela havia sido capturada. Queria matar alguém por aquele erro. Agora era tarde demais. Pelo menos ele havia fugido. Por uma fração de segundo pensou em puxar uma faca, atirar-se no policial mais próximo e fazê-lo de refém.

No entanto, havia muitos ali, e a luz era intensa demais. Ela não tinha tempo para executar um movimento daqueles sem que a polícia soltasse os cachorros, e não estava a fim de ser espancada até a morte.

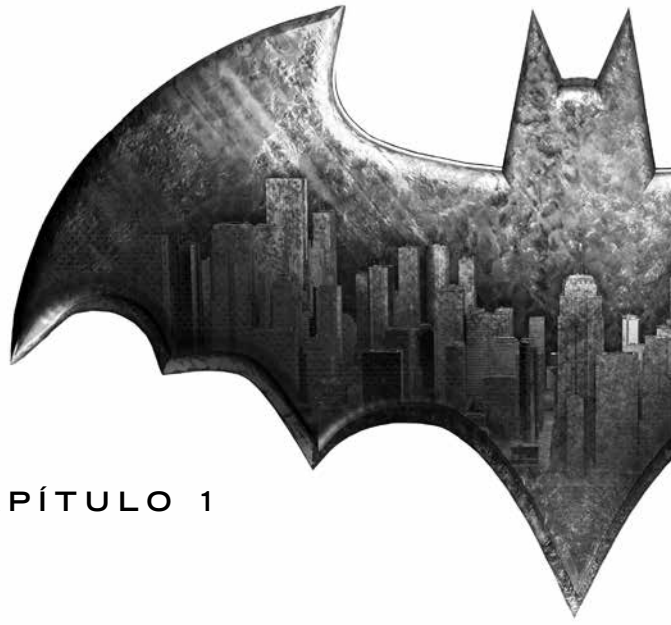
Em vez disso, ergueu as mãos.

A polícia a empurrou com força no chão; terra e grama lhe arranharam o rosto. Ela viu de esguelha o próprio reflexo nos capacetes opacos dos policiais, os canos das armas apontados para seu rosto.

– Nós a pegamos! – gritou um deles pelo rádio, a voz marcada por empolgação e medo. – Fiquem a postos...

Vocês me pegaram, repetiu para si mesma enquanto sentia as algemas frias se fechando em seus pulsos. Porém, mesmo com o rosto pressionado contra o chão, ainda se permitiu um pequeno e desdenhoso sorriso por detrás do cachecol.

Vocês me pegaram... por enquanto.



CAPÍTULO 1

Se Bruce Wayne pudesse ser resumido em um carro, seria este: um novíssimo e personalizado Aston Martin preto-carvão, impiedoso e luzidio, com uma faixa metálica adornando o teto e o capô.

Ele agora testava o limite do veículo, entregando-se ao ronco do motor, à resposta ao mais leve toque, abraçando as ruas de Gotham ao entardecer. O brinquedinho fora presente da Wayne-Tech, equipado com os mais modernos dispositivos de segurança – uma parceria histórica entre a lendária montadora de carros e o império Wayne.

Bruce fez outra curva fechada e os pneus rangeram em protesto.

– Eu ouvi isso – disse Alfred Pennyworth na chamada de vídeo pela tela do carro, encarando Bruce com um olhar de reprovação.

– Um pouco mais devagar nas curvas, patrão.

– O Aston Martin não foi feito para curvas lentas, Alfred.

– Também não foi feito para ser destroçado.

Bruce sorriu de leve. Os óculos de sol de modelo aviador refletiam o sol poente enquanto ele seguia com o carro rumo aos arranha-céus de Gotham.

– Por que não confia em mim, Alfred? – perguntou Bruce. – Foi *você* quem me ensinou a dirigir.

– E ensinei o senhor a dirigir como se estivesse possuído por um demônio?

– Um demônio *habilidoso* – retificou Bruce, girando o volante num movimento suave. – Além disso, foi um presente da Aston Martin e está equipado até os dentes com itens de segurança da WayneTech. Só estou dirigindo para exibi-lo na festa beneficente de hoje à noite. E a única forma de fazer isso direito é conferindo o que essa obra de arte é capaz de fazer.

Alfred suspirou.

– Exibir os itens de segurança da WayneTech numa festa beneficente não é o mesmo que usar o carro para incitar a morte – retrucou Alfred num tom seco. – Lucius Fox pediu que o senhor levasse o carro à festa para que a imprensa possa escrever resenhas apropriadas a respeito.

Bruce fez mais uma curva acentuada. O carro calculou a posição em relação à estrada no mesmo segundo. No para-brisa ele viu surgir e se desvanecer uma série de números translúcidos. O carro respondia com misteriosa precisão, em perfeita harmonia com o asfalto, mapeando os arredores nos mínimos detalhes.

– É exatamente o que estou fazendo – insistiu Bruce. – Tentando chegar lá a tempo.

Pela tela sensível ao toque, Alfred balançou a cabeça e seguiu espanando o pó do peitoril de uma janela da mansão Wayne. A luz do sol deixava mais evidente sua pele pálida.

– Vou matar o Sr. Fox por achar que isso seria uma boa ideia.

Um sorriso afetuoso se formou nos lábios de Bruce. Às vezes ele via em seu guardião extraordinária semelhança com um lobo, com seu olhar atencioso, estafado e azul-cinzento. Umhas poucas mechas brancas haviam começado a rajar o cabelo de Alfred nos últimos anos, e as rugas nos cantos dos olhos haviam se aprofundado. Ele era a personificação da razão de Bruce. Ao se lembrar disso, o jovem reduziu um pouco a velocidade.

A noite chegava, e com ela o período em que os morcegos saíam para caçar. Ao se aproximar, Bruce viu suas silhuetas orbitando os

recônditos da cidade para se unir ao restante da colônia. E sentiu-se um pouco nostálgico.

Certa vez seu pai descobrira que um terreno próximo à mansão Wayne era um dos maiores abrigos de morcegos da cidade. Bruce se lembrava daquele tempo de infância, quando se acorava no gramado da frente, estupefato, deixando de lado os brinquedinhos para ver seu pai apontar para os milhares de criaturas que irrompiam ao anoitecer, varrendo o céu numa fileira ondeante. Eram independentes, dizia o pai, mas sabiam se deslocar como uma unidade.

A lembrança fez Bruce apertar as mãos no volante. Seu pai deveria estar ali, sentado no banco do carona, observando os morcegos com ele. Mas isso era impossível agora.

À medida que Bruce se aproximava do centro, as ruas se tornavam mais sujas, até que o sol poente foi encoberto pelos arranha-céus, os becos envoltos por uma mortalha de sombras. Ele cruzou a Torre Wayne e o Centro Financeiro Secco, e notou alguns mendigos em meio às vielas, evidente contraste entre a pobreza e um marco da opulência. Ali perto ficava a ponte de Gotham, com metade da nova pintura finalizada. Barracos jaziam aleatoriamente debaixo da ponte.

Bruce não se lembrava de ver a cidade daquele jeito quando era mais jovem. A memória que guardava de Gotham era de uma impressionante selva de concreto e aço, recheada com uma sucessão de carros luxuosos e porteiros de ternos pretos, aroma de couro novo, colônias masculinas e perfumes femininos, saguões resplandcentes de hotéis de luxo, iates estacionados no porto banhado pelas luzes da cidade.

Ao lado dos pais, Bruce conhecera somente o lado bom da cidade. Nunca havia percebido as pichações, o lixo nas sarjetas e o povo encolhido nos becos sombrios, pedindo esmola. Como uma criança protegida, vira apenas o que a cidade podia oferecer pelo preço certo, e nada do que a cidade fornecia a quem não tinha nada.

Aquilo tudo havia mudado em uma fatídica noite.

Bruce estava ciente de que pensaria nos pais naquele dia, no dia da abertura de seu fundo patrimonial. Por mais que estivesse emocionalmente preparado, as lembranças ficariam para sempre cravadas em seu coração.

Finalmente, entrou na rua que fazia esquina com o Bellingham Hall. Um tapete vermelho atravessava a calçada em frente e avançava pela escadaria. Os paparazzi haviam se reunido junto à rua, já disparando as câmeras em direção ao carro.

– *Patrão Bruce.*

Bruce percebeu que Alfred ainda discorria sobre segurança.

– Estou escutando, Alfred – disse ele.

– Eu duvido, patrão. O senhor me ouviu sugerir uma reunião com Lucius Fox amanhã? Vai trabalhar com ele durante todo o verão... Vocês dois deviam pelo menos começar a organizar um plano detalhado.

– Sim, senhor.

Alfred fez uma pausa e o encarou com um olhar severo.

– E comporte-se hoje à noite. Entendido?

– Prometo ficar quieto num canto.

– Muito engraçado, patrão. Vou cobrar essa promessa.

– Nenhum desejo de aniversário para mim, Alfred?

Nesse momento um sorriso enfim surgiu no rosto de Alfred, suavizando suas feições duras.

– Feliz aniversário, patrão – respondeu ele, com um meneio de cabeça. – O senhor é *mesmo* filho de Martha, organizando esse evento. Ela ficaria orgulhosa.

Ao ouvir o nome da mãe, Bruce fechou os olhos por um instante. Todos os anos, em vez de comemorar o próprio aniversário, ela promovia uma festa beneficente, cuja arrecadação era encaminhada ao Fundo de Proteção Legal de Gotham, um grupo que oferecia defesa jurídica a quem não podia arcar com os custos. Bruce apenas seguia a tradição da mãe, agora que a responsabilidade pela fortuna da família havia oficialmente desabado em seus ombros.

O senhor é mesmo filho de Martha. Bruce, no entanto, apenas ignorou o elogio, sem saber o que dizer.

– Obrigado, Alfred. Não espere por mim acordado.

Os dois finalizaram a chamada. Bruce parou em frente ao edifício. Por um instante, ele se permitiu apenas ficar ali, sentado no carro, aquietando as emoções enquanto os paparazzi berravam do lado de fora.

Ele crescera sob os holofotes, suportando anos de manchetes sobre si mesmo e seus pais. BRUCE WAYNE, 8 ANOS, ÚNICA TESTEMUNHA DA MORTE DOS PAIS! BRUCE WAYNE É O HERDEIRO DA FORTUNA! BRUCE WAYNE, AOS 18 ANOS, O JOVEM MAIS RICO DO MUNDO!

E assim por diante.

Alfred já havia entrado com uma ordem judicial contra fotógrafos por apontarem suas lentes para as janelas da mansão Wayne. No ano em que seus pais foram assassinados, Bruce teve que voltar correndo da escola, aos prantos e em pânico após quase ser atropelado pelos carros dos ávidos paparazzi. Ele passara os primeiros anos tentando se esconder para que os tabloides não inventassem novos rumores.

No entanto, ou alguém se escondia da realidade, ou lidava com ela. Com o tempo, Bruce erigira um escudo protetor e negociara uma trégua não verbal com a imprensa.

Ele surgiria em sua figura pública, refinadíssimo, e deixaria que os jornalistas o fotografassem quanto quisessem. Em troca, eles voltariam as atenções à questão de sua escolha. No momento, a pauta era o empenho da WayneTech no reforço da segurança de Gotham: desde novas tecnologias de segurança para o banco da cidade e drones que auxiliassem o departamento de polícia até artefatos de segurança automotiva fornecidos de graça, com softwares de código aberto.

Ao longo dos anos, Bruce passara incontáveis noites enfiado em seu quarto, ouvindo obsessivamente a frequência de rádio da polícia e investigando casos arquivados por conta própria. Desmontara protótipos da WayneTech sob a luminária da escrivaninha, no meio da escuridão, examinando microchips reluzentes e encaixes artificiais, estudando a tecnologia desenvolvida por sua empresa para aprimorar a segurança da cidade.

Se alcançar esse objetivo significava estar no noticiário, então que fosse.

Tão logo um funcionário avançou para abrir a porta do carro, Bruce disfarçou o desconforto, saiu com um único e gracioso movimento e abriu um sorriso impecável para os repórteres. As câmeras foram disparadas. Guarda-costas de ternos pretos e óculos escuros

empurravam as pessoas para trás, abrindo caminho para ele, mas os repórteres ainda se apinhavam, os microfones estendidos, berrando perguntas:

- Está ansioso pela formatura?
- Aproveitando a nova fortuna?
- Como é ser o bilionário mais jovem do mundo?
- Quem você está namorando, Bruce?
- Ei, Bruce, olha para cá! Dá um sorriso!

Bruce fez a gentileza de oferecer ao homem um sorriso agradável. Sabia que era fotogênico. Alto e magro, os olhos azuis-escuros feito duas safiras, o cabelo preto para trás num penteado irretocável, terno sob medida, sapatos lustrosos.

- Boa noite – disse ele, parando por um instante diante do carro.
- Bruce! Este carro é a sua primeira compra? – gritou um paparazzo, com uma piscadela. – Já está aproveitando o espólio?

Ele encarou o homem, recusando-se a morder a isca.

– Este é o novo Aston Martin do mercado, totalmente equipado com tecnologia de segurança da WayneTech. Fiquem à vontade para explorar o interior hoje à noite, em primeira mão – respondeu ele, apontando para o carro. Um dos guardas de terno havia aberto a porta para a imprensa dar uma olhada. – Obrigado a todos por cobrirem a festa beneficente da minha mãe hoje. É muito importante para mim.

Embora Bruce falasse sobre a instituição de caridade apoiada pelo evento, a multidão gritava junto, ignorando suas palavras. Ele olhou em volta, exaurido. Por um instante, se sentiu sozinho e sobrepujado. Correu o olhar pelos paparazzi, à procura de jornalistas sérios. Já via as manchetes do dia seguinte: BRUCE WAYNE COMPRA CARRO MILIONÁRIO! JOVEM NÃO PERDE TEMPO COM A HERANÇA! Ele esperava, contudo, que entre aquelas palavras houvesse algumas verdadeiras, detalhando o trabalho feito na WayneTech. Era isso que importava.

Depois de permitir uma saraivada momentânea de cliques, Bruce seguiu para a entrada do edifício. Havia convidados no alto da escadaria: membros da elite de Gotham, integrantes do conselho, grupos de admiradores. Bruce se percebeu categorizando cada um

deles. Era uma estratégia de sobrevivência que desenvolvera desde a morte dos pais. Havia os que o convidavam para jantar só para tentar arrancar uma fofoca; os dispostos a trair os amigos para estar com ele; o colega de classe ricoço que espalhava mentiras a seu respeito por pura inveja; as que faziam de tudo para sair com ele e na manhã seguinte revelavam os detalhes aos tabloides.

Seu rosto, porém, permaneceu indiferente, e ele cumprimentou cada um com educação. Só mais uns passos até a entrada. Ele só precisava chegar lá, e então encontraria...

– Bruce!

Uma voz familiar se destacou em meio ao caos. Bruce ergueu os olhos até o topo da escadaria, onde uma garota na ponta dos pés acenava para ele. Seu cabelo escuro deslizava pelos ombros, e a iluminação destacava a pele morena e as curvas. Ela usava um vestido com glitter, que dava a seus movimentos um brilho prateado.

– Ei! – gritou a moça. – Aqui!

Aliviado, Bruce relaxou a postura. *Dianne Garcia*. Categoria: amiga de verdade.

À medida que ele se aproximava, ela instintivamente deu as costas para a multidão aglomerada atrás da corda de veludo na rua, numa tentativa de protegê-lo dos flashes.

– Atrasado para o próprio aniversário? – perguntou ela, com um sorriso.

Ele deu uma piscadela grata.

– Foi só para dar um charme.

– A festa está uma loucura – prosseguiu ela. – Acho que você pode bater um novo recorde de arrecadação.

– Esse é o objetivo – respondeu ele, abraçando-a. – Ou você acha que aguento aquelas câmeras lá embaixo por diversão?

Ela riu. Aquela era a garota que um dia arrancara o dente de outra criança com um soco por ter perturbado seus amigos, que decorara o primeiro capítulo de *Um conto de duas cidades*, de Charles Dickens, para ganhar uma aposta, que passava uma hora encarando o cardápio só para escolher o mesmo hambúrguer de sempre.

Dianne o segurou pelo braço e o conduziu para dentro do edifício, deixando os paparazzi para trás. Do lado de dentro, a ilumina-

ção era de um azul suave, com candelabros pendendo do teto alto em tons cintilantes de prata e branco. Esculturas de gelo e as mais diversas comidas cobriam as extensas mesas do banquete, enquanto outra mesa exibia fileiras de itens de leilão, que tremiam de leve por causa da batida da música.

– Achei que você teria entrevista numa universidade hoje – disse ele em meio à barulheira, enquanto Dianne apanhava uma tortinha de limão de uma das mesas. – Não que eu esteja reclamando por você estar aqui, é claro.

– Foi mais cedo. Minha *lola* precisava de mim em casa à tarde para buscar o meu irmão. Além disso, não quis privá-lo da minha companhia hoje à noite. – Ela se inclinou para a frente e sussurrou: – Essa é a minha maneira fofa de dizer que não trouxe presente para você.

– Nadica de nada? – perguntou Bruce, levando a mão ao coração e fingindo dor. – Estou magoado.

– Se quiser, posso assar um bolinho para você.

– Por favor, não.

No ano anterior, Dianne tentou preparar uma fornada de biscoitos de aniversário para Bruce e acabou colocando fogo na cozinha da mansão Wayne. Os dois tiveram um bocado de trabalho para apagar tudo e esconder de Alfred as cortinas chamuscadas.

Dianne deu um apertão no braço dele.

– Então você vai ter que se contentar com comida de lanchonete.

Anos antes, Bruce, Harvey e Dianne haviam combinado que trocariam os presentes de aniversário por encontros em sua lanchonete preferida. Era onde se reuniriam aquela noite, depois da festa beneficente. Lá, Bruce poderia se despir da roupa de bilionário e ser um simples garoto prestes a se formar no colégio, ser provocado pelos seus dois melhores amigos, saborear hambúrgueres gordurosos e milk-shakes de chocolate.

Ele sorriu ao pensar nisso, ansioso por aquele momento.

– Está bom para mim – disse ele a Dianne. – Mas como foi a entrevista?

– O entrevistador não pareceu horrorizado com as minhas respostas, então vou ser otimista e dizer que fui bem – respondeu ela, dando de ombros.

Essa é a maneira de Dianne dizer que foi perfeita. Bruce aprendera a reconhecer o dar de ombros sempre que tentava subestimar algum feito: nota máxima nas provas, admissão em todas as universidades para as quais se inscrevera, discurso de oradora na cerimônia de formatura no mês seguinte.

– Parabéns – disse ele. – Mas você já deve ter ouvido isso do Harvey.

Ela sorriu.

– A única coisa que o Harvey fez hoje à noite foi me implorar para não deixá-lo sozinho na pista de dança. Você sabe que os dois pés esquerdos dele amam dançar.

Bruce riu.

– Ele está sozinho na pista agora?

– Ah, ele sobrevive por dois minutos – respondeu Dianne, com um sorriso travesso.

O volume da música foi aumentando mais e mais enquanto eles rumavam para a pista de dança, até que por fim os dois cruzaram as portas duplas e avançaram até uma sacada diante de um espaço repleto de gente. Ali, a música alta fazia o chão tremer. No palco abaixo havia um estrado elaborado, onde um DJ balançava a cabeça ao ritmo da batida. Atrás dele, uma enorme tela se estendia do chão ao teto, exibindo uma série de animações.

Dianne cobriu a boca com as mãos em concha.

– *Ele chegou!* – gritou ela para a multidão abaixo.

Gritos irromperam da pista de dança, sufocando até a música. Bruce olhou em volta enquanto os berros de “parabéns” preenchiam o salão. Ele sorriu e acenou, e na mesma hora o DJ aumentou a música. Então a batida ganhou força, e a multidão se transformou num mar de braços e pernas sacolejantes.

Bruce deixou a vibração preencher seus sentidos, e o prolongado desconforto que ele estivera sentindo se desvaneceu. Dianne desceu com ele até a multidão. Enquanto ele cumprimentava um convidado atrás do outro, parando para tirar selfies com alguns, perdeu Dianne em meio à confusão de corpos. Só conseguia enxergar um borrão de rostos familiares e estranhos, silhuetas banhadas por néon e escuridão.

Lá está ela. Dianne finalmente tinha encontrado Harvey Dent, que estava de cabeça baixa, metade do rosto iluminada por uma luz néon roxa, enquanto se esforçava ao máximo para manter o ritmo. Bruce sorriu ao vê-lo e começou a cruzar a pista. Os amigos acenaram para ele.

– Bruce!

Ele se virou ao ouvir a voz, mas antes que pudesse responder foi agarrado com força pelos ombros. Encarou um rosto de sorriso duro, os dentes brancos ainda mais brancos no rosto pálido.

– Ei... Parabéns, cara!

Era Richard Price, filho do prefeito de Gotham. Bruce franziu as sobrancelhas, surpreso. Fazia alguns meses que os dois não se falavam, mas Richard já havia crescido uns centímetros, e Bruce teve que erguer de leve o olhar para encontrar os olhos do outro rapaz.

– Ei – respondeu ele, retribuindo o abraço. – Achei que você não viesse.

– E perder a festança? Jamais – respondeu Richard. – Meu pai está aqui... Bom, está lá na sala do leilão. Ele nunca perdeu uma festa beneficente da sua mãe, e não perderia agora.

Bruce assentiu, cauteloso. Os dois haviam sido melhores amigos. Moravam em extremos da mesma vizinhança, atrás dos portões de propriedades exclusivas, haviam frequentado a mesma escola secundária e as mesmas festas, tinham até feito aulas de kickboxing na mesma academia. Costumavam jogar videogame na sala de cinema de Bruce.

Ele ainda sentia uma pontada de dor com as lembranças.

As coisas, porém, foram mudando à medida que eles cresceram e Richard entrara numa categoria bem específica: o tipo de amigo que só faz contato quando precisa de algo.

Bruce se perguntou o que seria aquela noite.

– Ei – disse Richard, olhando depressa para o lado, tocando o ombro de Bruce e indicando a saída. – Posso falar com você em algum lugar? Só um segundinho?

– Claro.

Os dois saíram da pista de dança e entraram em uma sala mais tranquila. Ali, Richard se virou e encarou Bruce com um sorriso an-

sioso. Bruce de algum modo se alegrou ao ver aquela expressão. Era o mesmo sorriso que Richard exibia quando criança, ao encontrar algo empolgante que precisava compartilhar. Talvez de fato estivesse ali só para celebrar o aniversário de Bruce.

O amigo se aproximou e baixou a voz:

– Meu pai está me enchendo o saco. Fica me perguntando se eu já tenho algum estágio em vista para o verão. Você pode me ajudar?

O instante de esperança de Bruce evaporou, substituído pela deprimente e familiar decepção. Richard precisava de alguma coisa outra vez.

– Posso recomendá-lo para Lucius Fox – disse Bruce. – A Wayne-Tech está procurando estagiários...

Richard balançou a cabeça.

– Não, quero dizer, na verdade eu não quero *fazer* estágio. Sabe, tipo, só me dá uma moral com o meu pai, diga a ele que estou fazendo qualquer coisa na WayneTech durante o verão e me deixe entrar no prédio algumas vezes.

Bruce franziu a testa.

– Quer que eu ajude você a fingir que está fazendo estágio, para que o seu pai não encha mais o seu saco?

Richard deu um cutucão desanimado nele.

– É o último verão antes do início da faculdade. Não quero ficar trabalhando... Você sabe como é, não sabe, Wayne? Só diga ao meu pai que estou trabalhando com o Lucius.

– E como você vai sustentar essa mentira?

– Já disse... Só me deixe entrar na WayneTech de vez em quando. Tire uma foto minha no saguão, coisa assim. É só o que o meu pai precisa ver.

– Sei lá, cara. Se o Lucius ficar sabendo, vai acabar contando a verdade para o seu pai.

– Ah, quebra *essa*, Bruce! Pelos velhos tempos – apelou Richard, ainda com o sorriso escancarado. – A empresa é sua, não é? Vai deixar aquele nerd mandar em você?

Bruce se irritou. Desde que conhecera Lucius, Richard não parava de bajulá-lo.

– Eu não vou ajudá-lo a mentir – retrucou Bruce. – Se quiser dizer ao seu pai que está estagiando na WayneTech, vai ter que estagiar *de verdade*.

Richard soltou um grunhido irritado.

– Você só precisa mencionar a história uma ou duas vezes para o meu pai. Não vai custar nada para você.

Bruce balançou a cabeça. Quando eram mais novos, Richard aparecia em seu portão sem avisar, todo resfolegante diante do interfone, com o último joguinho lançado ou o novo conjunto de bonecos na mão. Em dado ponto, os encontros passaram a debates sobre os filmes preferidos, depois a pedidos de Richard para copiar o dever de casa de Bruce, ou para que Bruce finalizasse sozinho os trabalhos em dupla, ou para que o recomendasse para trabalhos.

Quando se dera essa mudança? Até agora Bruce não entendia quando ou por que as coisas haviam tomado o rumo errado.

– Eu não posso – respondeu Bruce. – Desculpe.

Ao ouvir aquilo, o olhar de Richard pareceu se escurecer. Ele encarou Bruce como se esperasse que ele mudasse de ideia, mas, como isso não aconteceu, meteu as mãos nos bolsos.

– Está certo – murmurou ele, contornando Bruce para retornar ao salão. – Já entendi tudo. Você faz 18 anos, pega as chaves do império e de uma hora para outra fica bom demais para ajudar os amigos.

– Richard! – chamou Bruce.

O rapaz parou e olhou para trás. Bruce o encarou por um momento.

– Se você não estivesse querendo a minha ajuda, teria vindo à festa?

Houve uma pausa, e Bruce soube que a resposta era não. Richard se limitou a dar de ombros, então deu as costas e seguiu pelo corredor, sem responder.

Bruce ficou ali parado um instante, ouvindo a batida da música. Teve a súbita sensação de não pertencer àquele lugar. Viu a multidão de colegas de classe e amigos na pista de dança e se perguntou se alguém, além de Dianne e Harvey, estaria ali se não fosse seu sobrenome. Os paparazzi do lado de fora não estariam, disso não havia dúvidas.

Se ele fosse apenas Bruce, o garoto da casa ao lado, alguém se importaria?

Em vez de voltar para a pista de dança, Bruce desceu até o salão e atravessou uma porta simples que levava à saída. Contornou o prédio até a entrada da frente, onde as câmeras já haviam registrado o que queriam do Aston Martin e agora se aglomeravam no topo da escada, aguardando a chegada ou saída de convidados especiais. Despercebido, Bruce apanhou o carro e entrou. Um dos guarda-costas observando os paparazzi na entrada o avistou assim que ele bateu a porta do carro e ligou o motor.

– Sr. Wayne! Senhor! – gritou o homem, mas Bruce apenas fez um breve aceno de cabeça.

Pela janela, ele viu alguns paparazzi se virarem de olhos arregalados, notando sua partida, o falatório transformado em berros.

Bruce, porém, enfiou o pé no acelerador antes que alguém pudesse alcançá-lo. Pelo retrovisor, o edifício rapidamente sumiu. Talvez fosse falta de educação sair tão cedo da própria festa para ficar sozinho, mas ele não desacelerou nem olhou para trás.

Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

